

Paixão e Violência: expressão das emoções nas narrativas de torcidas organizadas de futebol

*Passion and Violence: expression of emotions in the
narratives of football organized supporters groups*

**Eric Monné Fraga de Oliveira¹,
Letícia Helena Medeiros Veloso²**

1. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2010), Mestre em Sociologia pela UFF (2013), Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ(2018). **ericmfo@hotmail.com**

2. Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991), mestrado (1997) e doutorado (2003) em Antropologia pela University of Chicago. Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF. **lveloso.uff@gmail.com**

Resumo: O presente artigo objetiva contribuir para o debate acadêmico em torno dos conflitos nas torcidas organizadas de futebol brasileiras contemporâneas através de uma discussão, orientada por uma sociologia das emoções, sobre suas formas de produção de significados e expressão dos afetos. Para realizar essa análise, optou-se por observar as narrativas que as torcidas produzem para atribuir significado às suas práticas e disputar os discursos circulantes a respeito delas no debate público. Essas narrativas, coletadas entre os anos de 2013 e 2018, foram encontradas nos sites das torcidas organizadas. Observamos que as torcidas possuem formas próprias de manifestação pública dos sentimentos, que estão ligadas não apenas aos processos sociais de atribuição de significados a suas experiências, mas também às relações

sociais que as torcidas estabelecem entre si – majoritariamente marcadas pelo antagonismo mútuo – e com os clubes que representam, e que perpassam a construção de seu sentimento de comunidade.

Palavras-chave: Sociologia das emoções; Torcidas organizadas; Esporte; Violência; Conflito.

Abstract: This article aims at contributing to the academic debate on the conflicts among Brazilian football contemporary organized supporters groups through a discussion, guided by the sociology of emotions, on the ways they produce meaning and express their affections. To accomplish this task, the narratives the organized supporters groups create in order to attribute significance to their practices and dispute the current discourses produced about them on the public debate were analysed. These narratives, collected between 2013 and 2018, were found in the organized supporters groups' websites. We have observed that the organized supporters groups have their own particular methods to publicly manifest their feelings, which are connected not only to the social processes by which they attribute meaning to their experiences, but also to the social relations they establish between themselves – mostly marked by mutual antagonism – and to the clubs they represent, and that pass through the construction of their community feeling.

Keywords: Sociology of emotions; Organized supporters groups; Sports; Violence; Conflict.

Introdução

Durante as últimas décadas, multiplicaram-se em rádios, televisões, jornais impressos e sites de Internet no Brasil uma quantidade insondável de notícias sobre atos de violência cometidos por membros de torcidas organizadas de futebol (SANTOS, 2004; LOPES, 2012). O assunto se tornou parte do debate público, gerando interesse de jornalistas, torcedores, não-torcedores, pesquisadores de diversas áreas e agentes da esfera pública, responsáveis pela criação e implementação de medidas voltadas para controlar o comportamento das torcidas. Nesse contexto, foram postas em prática tanto medidas repressivas quanto políticas públicas mais complexas que estabelecem direitos, deveres e

punições possíveis para as torcidas em conjunto e para seus membros individualmente, entre as quais merece especial destaque o Estatuto de Defesa do Torcedor (CAMPOS, 2008; NICÁCIO *et al.*, 2009) ¹.

Em contrapartida, as torcidas organizadas buscaram se inserir no debate, disponibilizando suas próprias narrativas em seus próprios sites e perfis em redes sociais. Para as torcidas, as páginas virtuais constituem importante ferramenta para o relacionamento com o público e para disputar os discursos sobre suas histórias e formas de participação e organização, atribuindo suas próprias palavras e significados ao que tem sido dito sobre elas na imprensa e nos demais discursos circulantes.

Para a elaboração da pesquisa, realizada entre abril de 2013 e fevereiro de 2018 e que culminou no presente artigo, foram selecionados e analisados os sites de 23 torcidas organizadas. Inicialmente, foram escolhidas as duas maiores torcidas organizadas de cada um dos principais times de dez capitais estaduais: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Goiânia e Porto Alegre; além das cidades de Santos e Campinas (SP). Com isso, seria possível acampar as dez principais federações estaduais de acordo com o ranking de 2012 da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)², e 28 dos 30 principais clubes de futebol do país, segundo o mesmo ranking³. Todavia, diversos sites foram descontinuados ou severamente alterados ao longo do tempo da pesquisa, de forma que das 38 torcidas originalmente escolhidas, permaneciam válidos para a análise 23 sites⁴. Assim, o estudo levou em consideração os sites de uma torcida organizada do Bahia (Bamor), uma do Vitória (Os Imbatíveis), uma do Ceará (Cearamor), uma do Fortaleza (Leões da T.U.F.), uma do Goiás

1. O Estatuto de Defesa do Torcedor, ou apenas Estatuto do Torcedor, como ficou popularmente conhecido, foi criado pela Lei 10.671, de 15 de Maio de 2003 e modificado pela Lei 12.299, de 27 de julho de 2010, ambas sancionadas pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

2. Fonte: <http://imagens.cbf.com.br/201212/1956402245.pdf>

3. Fonte: <http://imagens.cbf.com.br/201301/979927470.PDF>

4. Entre os possíveis motivos para a descontinuidade de tantos sites no período avaliado, encontram-se os custos de manter uma plataforma digital própria, mais elevados do que criar um perfil em redes sociais. Contudo, os sites se mostraram mais adequados para as finalidades da pesquisa realizada.

(Força Jovem Goiás), uma do Atlético Mineiro (Galoucura), duas do Cruzeiro (Máfia Azul e Mancha Azul), uma do Atlético Paranaense (OS FANÁTICOS), uma do Coritiba (Império Alverde), uma do Internacional (Camisa 12), uma do Botafogo (Torcida Jovem do Botafogo), duas do Flamengo (Torcida Jovem do Flamengo e Raça Rubro-Negra), uma do Vasco (Força Jovem do Vasco), uma do Figueirense (Gaviões Alvinegros), duas do Corinthians (Gaviões da Fiel e Torcida Jovem Camisa 12), uma do Guarani (Guerreiros da Tribo), uma do Santos (Torcida Jovem do Santos) e duas do São Paulo (Tricolor Tricolor Independente e Dragões da Real). Os textos contidos nos sites não serão tomados como verdades em si mesmos, mas como narrativas e atos comunicativos que participam da produção de significados sobre suas performances coletivas dentro e fora dos estádios⁵.

Os dados coletados disponibilizaram uma ampla gama de possibilidades interpretativas. Aqui, optamos por uma abordagem que contemple o aspecto emocional, central para a organização dessa experiência coletiva. Entre outras coisas, torcer pode ser compreendido como um ato que envolve sentir afeto por um clube de futebol, com múltiplas formas de demonstração, criando complexos sistemas de sentimentos. Para a maioria das torcidas observadas, foi possível notar um emaranhado de relações afetivas que envolvem os demais membros da organizada, torcidas rivais, clubes, jogadores, membros da diretoria do clube, acontecimentos da equipe e da torcida. Os afetos aparecem como um elemento central que articula e confere sentido às experiências e às relações sociais, e a sociologia das emoções oferece ferramentas para sua compreensão.

A sociologia das emoções vem há tempos (HOCHSCHILD, 2012; LUHMANN, 1998) insistindo na importância de se considerar as emoções (sentidas, percebidas, expressas) como resultados, ao menos em parte, de processos de

5. Do ponto de vista metodológico, levamos em consideração as contribuições de Susan Herring (2004) para uma Análise do Discurso Mediada por Computador, procurando as regularidades nos discursos encontrados e os relacionando com os contextos sociais com que se relacionam – embora tenhamos evitado transformar esse método em uma pesquisa propriamente quantitativa. Para uma discussão a respeito das vantagens (e limitações) metodológicas da internet como lócus de pesquisa social, ver também Hewson, Laurent & Vogel (1996) e Hine (2005).

socialização e codificação cultural, produzindo determinadas “memórias habituais” de como se deve expressar, em determinado grupo ou cultura, emoções supostamente individuais tais como medo, raiva, afeto ou amor (LUHMANN, p.20). Portanto, parece claro que, uma vez que aprendemos a expressar, e até a sentir, determinadas emoções em relação a determinados contextos a partir de processos de socialização, educação e da progressiva constituição do indivíduo e sua relação com o mundo a seu redor, tanto as emoções quanto os modos de se exprimi-las são histórica, geográfica e culturalmente variáveis (LUHMANN, 1998). Toda emoção, portanto, entendida como codificação simbólica de modos de sentir compartilhado por membros de determinado grupo, é resultado, do ponto de vista das ciências sociais e de uma sociologia das emoções, de longos processos de inculcação social (BOURDIEU, 2001).

Assim, emoções não são, deste ponto de vista, compreendidas como resultantes de disposições inatas ou sentimentos puramente individuais atomizados, mas como parte integrante do contexto social no qual são produzidas e reproduzidas: são resultado de aprendizados sociais e tradições mais ou menos “inventadas” (BOURDIEU, 2001). Por outro lado, é exatamente por isso que as podemos considerar como fundamentais na produção de significados, sentidos e possibilidades para ação individual e coletiva: o que se sente e o que se experimenta, o que nos emociona e produz em nós sentimentos tais como raiva, ódio ou carinho, e os modos como tudo isso é expressado, utilizado, mobilizado, “distorcido” e até comercializado por indivíduos ou coletivos, é passível de ser compreendido sociologicamente (HOCHSCHILD, 2012). Principalmente porque as emoções não são apenas sentidas, mas também comunicadas socialmente, e há que se utilizar os códigos adequados: há um momento “certo” e um momento “errado” de quando expressá-las (risadas numa plateia de teatro versus risadas num enterro, por exemplo), e uma forma “certa” e uma forma “errada” de se exprimi-las (pelos usos de determinados vocabulários vocais e/ou gestuais em detrimento de outros). Por exemplo, torcidas organizadas versus torcedores individuais possuem formas diferentes de explicitar seu apoio a determinado time, enquanto que um torcedor do time adversário raramente irá, nesse mesmo jogo de futebol imaginário, expressar seu apoio ou admiração pelo outro time ou algum de seus jogadores.

De qualquer forma, como sugere Luhmann (1998, p.25), o importante é manter em mente que toda emoção humana, mais do que um sentimento, é também um ato comunicativo. Por exemplo, o amor não é essencialmente um sentimento, mas sim um código comunicacional através de cujas regras se consegue expressar, formar, simular, estimular, negar e assim por diante. E, acima de tudo, preparar-se para as consequências que necessariamente surgirão quando a respectiva comunicação tiver se realizado através deste meio comunicacional. O que, continua Luhmann, não quer necessariamente significar que o amor não pode ser um sentimento; apenas, que não é somente um sentimento, é mais do que isso.

Os rituais sociais, como assistir em conjunto a uma partida de futebol, são um importante elo entre as emoções sentidas pelos indivíduos em seus grupos e os contextos sociais em que se inserem. Como o antropólogo Harvey Whitehouse (2000) argumentou⁶, existem dois tipos principais de experiências rituais coletivas. No primeiro tipo, chamado pelo autor de *imagistic*, a experiência é intensa, em grupos pequenos de pessoas e se baseia na prevalência dos símbolos imagéticos à discursivização dos acontecimentos e sentimentos. No segundo, *doctrinal*, a experiência é repetitiva, continuamente transformada em discursos e uniria uma coletividade extensa e abstrata – como as “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2005), que pressupõem a crença em características compartilhadas por pessoas que não possuem contato entre si. A repetição da experiência seria responsável pela diminuição de sua intensidade emocional, levando ao tédio e à perda da coesão grupal e do poder de normatividade que dela decorre. A possibilidade de decréscimo dos efeitos emocionais que as partidas exercem sobre os torcedores em um contexto no qual o esporte tem passado por processos de profissionalização e burocratização – com uma grande quantidade de partidas ao longo de uma temporada, muitas das quais possuem pouco efeito nos resultados finais – é uma questão central às experiências das torcidas organizadas, algumas das quais chegam a contar com milhares de torcedores.

6. Para elaborar esse argumento, Whitehouse enfoca experiências coletivas de caráter religioso.

Paixão e Superioridade

Ao mesmo tempo em que são frutos de um processo de racionalização e burocratização do torcer iniciado dos anos 1960 (TOLEDO, 1996; HOLLANDA, 2008)⁷, as torcidas organizadas são agrupamentos orientados para o exercício da paixão torcedora, submetida a regras e normas orientadas menos para um controle restritivo e mais para uma exaltação expansiva da paixão. Leonardo Teixeira notou, através de entrevistas com líderes de organizadas e da ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro –, que a paixão é parte integral das narrativas dos membros das torcidas: “se filiar a uma Torcida Organizada é, fundamentalmente, um ato de amor, entrega, doação e dedicação absoluta. [...] São inúmeros os exemplos em que se apontam sacrifícios – individuais ou coletivos – em torno da paixão por seus clubes de coração” (TEIXEIRA, 2014, p.108).

Em seus sites, as organizadas produzem discursos que reforçam a centralidade das emoções na experiência torcedora, determinantes para sua autoafirmação e dependentes de demonstrações constantes.

Vamos mostrar que nosso amor ultrapassa os 90 minutos, vamos mostrar ao mundo todo o que de fato já é comprovado, que é de ser a torcida mais apaixonada do Brasil e que ninguém nos vence em vibração nem na arquibancada e nem na folia. [...] Representamos, incentivamos e vibramos.⁸

No trecho extraído do site da Bamor (nome que une a equipe ao sentimento da torcida), o orgulho é o vínculo entre a paixão pelo clube e a autoafirmação da torcida. Ser percebida como a torcida mais apaixonada do Brasil aparece como objetivo a ser conquistado. A “vibração”, palavra que indica

7. Para uma abordagem mais detalhada sobre a formação e transformações das torcidas organizadas no Brasil e suas diferenças com os agrupamentos torcedores que as antecederam, como as charangas e torcidas uniformizadas, ver também Pimenta,(1995),Teixeira (2004), Reis (2006) e Hollanda *et al.* (2012).

8. Fonte: www.bamor.com.br; acesso em 24 de fevereiro de 2015. Mantivemos os eventuais erros ortográficos, gramaticais e de digitação presentes nos textos originais.

constante movimentação dentro de um mesmo espaço, na realização da performance torcedora é posta como um critério central para medir o sentimento da torcida pelo clube, denotando a existência de uma competição informal entre as torcidas organizadas. Nos sites das torcidas, existem muitos trechos evidenciando essa competição.

A Torcida Jovem do Botafogo é a organizada mais antiga e tradicional dentre as atuantes do clube. É reconhecida pelos botafoguenses, aliados e rivais como uma das agremiações mais importantes e participativas na história das torcidas no Brasil. O prestígio é tão forte que na década de 1980 e 1990 conquistou o posto de maior Torcida Jovem do país.

No ano de 2010, [...] a torcida praticamente voltou a ser a maior do clube em todos os quesitos⁹ (grifo do original).

Em pouco tempo [a Torcida Organizada Os Imbatíveis] foi virando pioneira em quase tudo: Primeira em Materiais diversificados (BERMUDAS, CALÇAS, BONÉS, AGASALHOS, SHORTS), primeira a se dividir em Regiões (COMANDOS), Site oficial, 1ª Sede no Centro da Cidade Informatizada, primeira bateria a inovar com ritmos diferentes, Bandeiras Grafitadas, 1ª a produzir um CD, etc.¹⁰

Dentre as várias torcidas organizadas do Bahia, a mais vibrante e mais organizada é a BAMOR [...] Daquele dia até hoje a Bamor cresceu muito. Tanto que se tornou a maior torcida do estado [...] Em 2008, A bamor sai na frente mais uma vez! Como única torcida do estado lança sua loja oficial, sua sede social e ré-inaugura sua sede principal! [...]

No final da década passada, a Bamor foi eleita pela Revista Placar a maior torcida do Nordeste [...]

A Bamor é Tetracampeã do Troféu Zuza Ferreira (98/99/00/01), concurso que prêmia os melhores do futebol baiano.[...]

9. Fonte: <http://www.tjb.com.br/v4/HistoriaTJB>; acesso em 12 de janeiro de 2017.

10. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/historia>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

Em 2010, eleita a Torcida de Ouro! Fomos considerados e homenageados, a Melhor Torcida do Brasil! Após sete temporadas, o Tricolor voltou à elite do Futebol Brasileiro e a BAMOR acompanhou, ganhando o prêmio de melhor Torcida do Brasil. Foi o ano que emocionou todo o Brasil. [...] Em 2011, a Maior e Melhor Torcida do Brasil voltou com Tudo a Elite de Futebol Brasileiro ¹¹.

Fomos poucos no começo. Hoje somos milhares, a maior torcida organizada do país. [...] essa união de corações, chamada GAVIÕES DA FIEL, formam a maior, melhor, mais respeitada e invejada torcida organizada do país¹².

Os enunciados possuem o objetivo de declarar a importância da torcida em questão, estabelecida principalmente através de superlativos relativos que demonstrem sua superioridade em relação às demais. Diversos critérios podem ser mobilizados nas competições entre as torcidas: quantidade de membros, grau de organização, originalidade, tamanho e qualidade da bateria e do patrimônio (sobretudo dos recursos utilizados para torcer no estádio), proximidade institucional com o clube, inovações administrativas e nas práticas torcedoras, capacidade de expansão, tradição/antiguidade, engajamento de seus membros, beleza das comemorações nos estádios, capacidade de inspirar temor/respeito nos rivais. Cada critério evoca uma característica diferente das torcidas, incluindo sua festividade, seu envolvimento com violência, o apelo ao passado (que revela a manutenção da tradição como critério de ordenação de suas relações sociais) ou ao futuro, a burocratização e a mercantilização da paixão.

Em certa medida, sua autoimagem é dependente da reafirmação constante da superioridade. A construção da imagem do grupo, de seus valores morais e de sua importância é baseada na oposição, velada ou aberta, às torcidas rivais (do mesmo clube ou não), produzindo uma dinâmica de antagonismo contínuo, sem o qual o grupo se encontra ontologicamente ameaçado. Os agrupamentos

11. Fonte: <http://bamor.com.br/novaera/site/index.php/torcida-bamor/historia-bamor>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

12. Fonte: <http://www.gavioes.com.br/index.php/torcida/ideologia/>; acesso em 30 de novembro de 2015.

torcedores existem para a competição não apenas entre os clubes, mas também entre eles próprios, sendo, portanto, mutuamente co-dependentes.

A função primária da torcida é fornecer incentivo ao time, e a estima por ele é determinante para sua coesão grupal. Nessa constante competição, a superioridade de uma organizada poderia ser medida pelo efeito que ela possui sobre ele, como espera a Torcida Jovem do Flamengo:

Um dos bandeirões confeccionado pela TORCIDA JOVEM foi uma cópia da camisa oficial da Torcida na época, uma das camisas mais bonitas dentre todas as torcidas do Brasil, foi estampada e mostrada por todas as emissoras de TV, emocionando e empurrando o Flamengo, fazendo com que os jogadores se desdobrem em campo e mostrando aos adversários toda a imponência do Exército Rubro-Negro¹³.

Nesse trecho, a TJJF exalta sua camisa e o bandeirão por ela inspirado, utilizando as aparições televisivas como registro de seu incentivo aos jogadores e revelando a ligação entre dois elementos distintos da torcida: 1) sua dedicação a incentivar o time; 2) sua autonomia relativa face ao clube, uma vez que ela se volta primeiro para si mesma – a construção de um bandeirão com a camisa da torcida, não da equipe. Destaca-se o uso do efeito (a alegada maior aplicação dos jogadores em campo) como demonstrativo do impacto da organizada (referida pelo apelido “Exército Rubro-negro”). Dentro dessa lógica, haveria uma relação recíproca entre time e torcida: ela impulsionaria o desempenho da equipe, que, por sua vez, demonstraria a força da torcida. Não apenas as torcidas existem para o time, como também o time existiria para as torcidas.

Isso representa uma mudança com as formas pré-existentes de torcer. Até o surgimento das torcidas organizadas contemporâneas, os agrupamentos torcedores obedeciam aos clubes, existiam em função deles. Com as organizadas, as torcidas se tornam relativamente autônomas em relação aos clubes, podendo se manifestar independentemente deles. Parte importante da identidade das organizadas contemporâneas é a oposição às formas de torcer precedentes:

13. Fonte: <http://torcidajovemdoflamengo.com.br/historia/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

A Charanga era formada basicamente por amigos [...] que costumavam levar aos jogos, seus filhos, sobrinhos, afilhados, netos e etc... Depois de anos em meio a críticas e até representações na justiça a Charanga começou a encontrar resistência para entrar nos estádios, e com isso aqueles então filhos, sobrinhos e etc... queria tomar alguma atitude perante isso. Até que 2 situações se tornaram a gota d'água, a Charanga foi barrada em 2 estádios: um em Porto Alegre e outro em São Paulo, onde os Rubro-Negros foram recebidos pela torcida adversária atirando laranjas. A partir disso, aqueles netos, sobrinhos e filhos decidiram sair da Charanga e criar sua própria torcida, nascia assim a Torcida Jovem do Flamengo que nos dois primeiros anos de existência utilizou o nome Poder Jovem, inspirado no movimento negro norte-americano Black Power. Essa nova geração de torcedores puderam então fazer o que antes lhe era negado na Charanga, como protestar por maus resultados e encarar a resistência imposta pelos torcedores adversários à entrada de Rubro-Negro em seus estádios¹⁴.

Anos 60 [...]. Dentro dos clubes, os torcedores eram submissos, acríticos e comprometidos com os cartolas. Inspirados nos movimentos estudantis que pediam o fim da Ditadura Militar, surgiram no Brasil várias torcidas jovens, marcadas por uma outra concepção de torcida organizada e por outros modelos de comportamento e valores para os torcedores¹⁵.

Pensando em mudar a postura da Torcida Rubro-Negra, que era vista como uma torcida passiva e acomodada, quatro jovens idealistas – Fábio Menezes, Rubem Marques, Flávio Sá e Marcus Anunciação – resolveram criar uma Torcida Organizada que tivesse uma postura mais vibrante e presente no dia a dia do Esporte Clube VITÓRIA¹⁶.

14. Fonte: <http://torcidajovemdoflamengo.com.br/historia/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

15. Fonte: <http://www.forcajovem.com.br/site/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

16. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/historia/>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

No primeiro trecho, a TJF se opõe à torcida anterior do mesmo clube, considerada limitada em sua capacidade de representação nas arquibancadas e de resistência ao comportamento violento de torcidas rivais – indicando que a violência entre torcedores *precede* as organizadas atuais. Assim, a TJF teria nascido da necessidade de parte dos torcedores por três mudanças: aumento das atividades e do impacto das organizadas nos estádios, disposição para responder à violência e protestos em caso de maus resultados da equipe.

Nos dois fragmentos seguintes ao da TJF, repete-se a ideia de que o modelo antecedente de torcer era baseado em uma passividade submissa. Para a Força Jovem do Vasco e Os Imbatíveis do Vitória, a torcida organizada deveria ter uma postura mais “ativa” e ser crítica a e independente dos dirigentes dos clubes. É possível identificar certos pares de oposição nesses discursos: passivo/ativo, submisso/independente, acrítico/crítico, ausente/presente, inexpressivo/representativo. Em suma, opõe-se uma carência de emoção às formas de expressão dos afetos.

No caso da FJV, sobrevive algum respeito pela torcida mais tradicional do time – a Torcida Organizada do Vasco –, de forma que o discurso de oposição é feito contra “torcedores” genéricos e, posteriormente, de maneira específica, contra a Charanga do rival Flamengo:

Até meados dos anos 80, a FORÇA JOVEM e a TOV (1ª Torcida Organizada do Brasil, criada por torcedores no intuito de apoiar o time, diferente da Charanga do Urubu criado por dirigentes que pagavam Salários aos músicos para animarem a Torcida) eram as principais Torcidas do Vasco, tanto em números de participantes quanto o prestígio e poder de influência dentro do clube.¹⁷

Esse enunciado estabelece uma oposição visível entre, de um lado, as duas torcidas do Vasco e, do outro, a Charanga do Flamengo – referido pejorativamente através do termo “urubu”, a fim de evitar utilizar o nome do maior rival e, ao mesmo tempo, desprezá-lo. A Charanga é reprochada por supostamente

17. Fonte: <http://www.forcajovem.com.br/site/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

ter sido criada por dirigentes que a financiariam, do que se poderia concluir que haveria uma carência de emoção naquela torcida; ao passo que as torcidas vascaínas não recebem pagamento e não foram criadas pelo clube, tendo se formado de maneira independente – o que, por oposição, revelaria um sentimento verdadeiro. Sua relação com o clube é descrita como sendo oposta à da Charanga: são a FJV e a TOV que exercem “poder e influência dentro do clube”, em vez de receber pagamento dele, tendo então a possibilidade de criticar decisões tomadas dentro do clube.

A Independente do São Paulo também surgiu através de oposição com uma torcida anterior – no seu caso, a TUSP, Torcida Uniformizada do São Paulo.

A Independente nasceu das divergências de idéias e posturas entre a torcida uniformizada TUSP e alguns dos seus filiados. [...]

O São Paulo disputava a Taça Libertadores da América no Paraguai. Seus adversários, o Cerro Portenho e o Olímpia. [...]

“Não bastasse o time ter perdido descobrimos que os cabeças da torcida ficariam hospedados em hotéis 4 estrelas e os demais em pensões. Para completar, ficamos sabendo que em vez deles de distribuírem os brindes e camisetas, estavam vendendo”, lembra Newton Ribeiro, um dos fundadores da Independente.

Foi a Gota d’água. Na volta da excursão, logo após o último jogo, no domingo (SÃO PAULO 1 X 0 OLÍMPIA), no próprio ônibus já se começou a cogitar formação de uma facção da torcida.¹⁸

Nessa narrativa, o elemento determinante para a cisão foram as regalias que a TUSP teria recebido do clube e depois comercializado. A busca por lucro nas atividades da torcida é vista como representativa da ausência de um afeto real. A venda de produtos para torcedores pelas organizadas não é interpretada da mesma forma, pois é vista como forma de custear as atividades da torcida, e não de gerar lucro para apropriação privada.

Em outros casos, a comparação envolve outros elementos, como o clube

18. Fonte: <http://independentenet.com.br/site2/historia/>; acesso em 30 de novembro de 2015.

ou a bateria, mantendo a constante superioridade como critério de diferenciação. “A Torcida OS IMBATÍVEIS tem como razão de sua existência o ESPORTE CLUBE VITÓRIA, então para nós, ele é maior que tudo e que todos. Como diz a frase de nosso primeiro lema: ‘Com o VITÓRIA além da morte, acima de nós só DEUS!’¹⁹; “o que nos une é eterno: o amor pelo Galo, o glorioso Clube Atlético Mineiro, o mais querido das Minas Gerais, amado e respeitado em todo o Brasil”²⁰; “possuímos uma bateria invejável que está, tanto em estrutura física como de qualidade musical, como uma das melhores do Brasil”²¹; “ter a melhor bateria sempre foi o ponto de honra da torcida”²²; “a Bateria do Império é motivo de orgulho para todos os torcedores, [...] suas batidas firmes seguram o ritmo da torcida, como se energizassem o estádio antes, durante e após os jogos”²³. Nos dois primeiros exemplos, a superioridade do clube se reflete sobre o próprio valor da torcida, em virtude da identificação entre ambos, enquanto nos seguintes a bateria é uma parte integrante central à torcida capaz de lhe conferir superioridade.

Outro ponto importante de competição entre as torcidas diz respeito a suas capacidades de inovação no repertório de práticas torcedoras. Retomando a discussão de Whitehouse sobre os tipos de rituais coletivos – *imagistic* e *doctrinal* –, as torcidas organizadas, por se orientarem para a produção de estados emocionais, aproximam suas experiências torcedoras nos estádios ao primeiro tipo, mas o processo de burocratização (divisão hierárquica de suas atividades e criação de estatutos que regem o funcionamento da torcida) por que passaram as aproximou do segundo tipo de experiência, arriscando a intensidade emocional necessária para manter sua existência. As organizadas então buscam conciliar a burocratização, racionalização e rotinização da experiência

19. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/ideologia>; acesso em 24 de fevereiro de 2015. As maiúsculas foram mantidas por parecerem demonstrar uma vontade de atribuir importância em relação aos conteúdos daquelas palavras.

20. Fonte: <http://www.torcidagaloucura.com.br/historia-galoucura/>; acesso em 05 de março de 2015.

21. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/historia>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

22. Fonte: <http://independentenet.com.br/site2/historia/>; acesso em 30 de novembro de 2015.

23. Fonte: <http://www.imperialviverde.com.br/bateria.html>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

à força emocional da performance nos estádios, os símbolos imagéticos e a coesão grupal de forma a reduzir a queda da intensidade emocional.

Alguns fatores diferentes podem auxiliar essa tarefa. O primeiro é o envolvimento em confrontos violentos, por produzir uma alta carga de excitação. São importantes também as contínuas transformações das equipes e dos enfrentamentos, com mudanças de treinadores e jogadores, alternância entre adversários, variação da importância dos jogos ao longo dos campeonatos, cuja importância também varia. Por fim, existem as inovações feitas pelas próprias torcidas para as competições entre elas: “com todo esse destaque e progresso a Mancha saía na frente mais uma vez; se mostrou pioneira no Brasil fazendo mosaicos nas arquibancadas”²⁴.

Por esse e outros motivos e que somos a torcida mais invejada e copiada pelas demais, pois originalidade só mesmo a TORCIDA JOVEM DO FLAMENGO tem, fato que faz crescer o nosso orgulho individual e coletivo de fazermos parte desse imenso e imbatível Exército Rubro – Negro²⁵.

Nosso plano tem como objetivos arrecadar fundos para que a Torcida se torne cada vez mais forte, fazendo as festas que só nós sabemos fazer, proporcionando Caravanas com preços mais acessíveis a todos, inovando nos materiais e principalmente para manter a nossa Sede e nossa Loja funcionando cada vez melhor²⁶.

As inovações são adições ao feixe emocional disponível durante as experiências torcedoras e reforçam as disputas, fortalecendo as experiências e aumentando o sentimento de comunidade. Ao introduzir novidades nas arquibancadas, as torcidas organizadas levam adiante as competições entre elas, diminuindo os efeitos da rotinização causada pela organização e burocratização das atividades.

24. Fonte: <http://manchaalverde.com.br/historia-mancha-verde/>; acesso em 17 de julho de 2017.

25. Fonte: <http://torcidajovemdoflamengo.com.br/curiosidades/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

26. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/socio-torcedor>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

Alianças e Confrontos

Em uma dinâmica orientada pela diferenciação recíproca constante, as comparações em que o locutor é superior predominam. Isso faz parte da construção da identidade coletiva das torcidas. Entretanto, existe também cooperação entre elas.

Um fato que poucos têm conhecimento é que seu símbolo de mão foi a própria **TJB** quem criou. O apelidado **DPA** (dedos para o alto) – que consiste em punhos cruzados acrescidos do dedo do meio de cada mão erguidos – foi inventado pela mais tradicional em provocação ao punho cruzado pela ~~Torcida Jovem do Flamengo~~, alusivo aos remos do escudo do clube da Gávea. Hoje é comum falar união **DPA** e envolver torcidas como Força Jovem, Mancha Verde, Galoucura, além de outras mais. Tudo referente a aliança dessas torcidas e do uso do símbolo de mão criado²⁷ (grifo do original).

Esse discurso da **TJB** narra uma aliança com outras três torcidas – a Força Jovem do Vasco, a Mancha Alverde do Palmeiras e a Galoucura, do Atlético Mineiro –, na qual o gesto envolvendo punhos cruzados levantados, com o dedo médio de cada mão ereto, apontando para o ar (indicando um confronto que encontra equivalentes verbais em expressões como “foda-se” ou “vá se foder”), é um símbolo unificador e identificador. Mesmo nesse caso, a cooperação é marcada por uma dinâmica antagônica, incluindo um gesto identificador que funciona como provocação aos rivais e reforça o processo de diferenciação.

Já a **TUF** defende a cooperação entre as torcidas organizadas do Fortaleza: “nossa torcida tem ótimo relacionamento com as demais torcidas do Fortaleza. Todas as organizadas tricolores caminham no mesmo ideal, apoiar e defender o Fortaleza E.C.”²⁸. Enquanto, frequentemente, um clube possui organizadas que rivalizam entre si, inclusive violentamente, na busca pela hegemonia da

27. Fonte: <http://www.tjb.com.br/v4/HistoriaTJB>; acesso em 12 de janeiro de 2017.

28. Fonte: <http://www.grestuf.blogspot.com.br/search/label/Entrevista>; acesso em 26 de fevereiro de 2015.

representação da torcida, a TUF busca conseguir coesão entre as torcidas do mesmo clube para se opor às de clubes rivais, embora também trave alianças com organizadas de equipes adversárias.

Tirando nossas rivais, a TUF sempre esteve neutra com relação às demais torcidas em São Paulo e Rio de Janeiro [...]. Em São Paulo, [...] podemos afirmar hoje abertamente que as únicas torcidas respeitadas na atualidade por nós Leões da TUF, no qual temos amplo respeito e consideração, são as torcidas do São Paulo, em especial Torcida Tricolor Independente e Dragões da Real.

Sempre houve um respeito mútuo pelas torcidas do Fluminense e pelas do Flamengo, já que as demais são nossas rivais. Em um dado momento anterior, houve contato maior com a torcida do Fluminense por parte de alguns integrantes de diretorias passadas, entretanto nos últimos anos houve um crescimento de contato com a torcida do Flamengo, em especial com a Torcida Jovem Fla, [...] pela grande aproximação que passamos a ter com a TTI.²⁹

O histórico das relações entre a TUF e outras torcidas organizadas se encontra marcado por uma dinâmica heterodoxa, com alianças com torcidas que são rivais entre si (de Flamengo e Fluminense), mas ao mesmo tempo obedece a padrões mais comuns para a formação de alianças, como se congregar à TTI e à TJF, coligadas entre si, e manter a rivalidade com a maioria das rivais dessas torcidas. A cooperação é marcada pelo conflito com outras torcidas, reproduzindo as oposições entre elas.

Essa produção das diferenças implica em um respeito mútuo compartilhado entre torcidas aliadas e algo diferente (que podemos inferir que seja desrespeito ou desdém) e igualmente mútuo entre as rivais. As alianças entre torcidas organizadas reforçam uma dinâmica de antagonismos em que não há respeito pelo adversário. A ausência de respeito é a ausência de reconhecimento

29. Fonte: <http://www.grestuf.blogspot.com.br/search/label/Entrevista>; acesso em 26 de fevereiro de 2015.

da legitimidade de determinada posição ou da pessoa ou grupo que a ocupa, encurtando o espaço que existe entre conflito e violência (WIEVIORKA, 2006).

Os textos das torcidas organizadas revelam uma relação íntima entre a paixão clubística e a aversão aos rivais. Embora o esporte seja marcado por relações de conflito entre adversários que buscam o mesmo objetivo, a transformação desse conflito em uma potência violenta não é uma consequência inescapável. Ela depende de processos históricos específicos e de discursos que a legitimem e sustentem. No caso das torcidas organizadas, o amor pelo clube e pelo próprio grupo legitimaria a intensidade da oposição às torcidas rivais e envolvimento em atos de violência que dela decorreria. Esse amor viria acompanhado do ódio e do desprezo pelos adversários.

As narrativas de torcedores líderes desses movimentos contidas em entrevistas realizadas por Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Jimmy Medeiros e Rosana da Câmara Teixeira (2015) confirmam esses pontos.

Antes da minha geração, há uma intermediária e o símbolo dela é o Russão [João Faria da Silva, torcedor-símbolo do Botafogo entre as décadas de 1960 e 1990 e responsável pela Torcida Folgada]. Uma pessoa pouco vibrante e líder de uma torcida sem chegada. A minha turma – nascida a partir de 1970 e pouco – foi a que botou pé firme. Antigamente, sabíamos que o pessoal do Botafogo [...] apanhava dos flamenguistas e ia embora com o rabo entre as pernas. Até que a molecada reagiu [...]. [Enquanto o Russão se aposentou da torcida e nunca mais foi ao estádio,] vou continuar frequentando os estádios porque gosto do clube. Quem abandona ou para [de frequentar] não apreciava tanto a equipe, e sim outra coisa. Talvez algum benefício tenha sido cortado (Entrevista com Luís Gustavo Cardoso da Silva, Noy, p.32-3).

Nesse trecho, o líder da FJB³⁰, revela que: 1) existe uma oposição entre as lideranças tradicionais e as torcidas organizadas; 2) torcedores-símbolos são vistos com desconfiança por suas relações oficiais com o clube; 3) a paixão pela

30. Torcida relativamente mais recente, criada após o surgimento de rixas internas da TJB.

equipe está em uma relação direta com a frequência de idas ao estádio; 4) um dos principais elementos na oposição a outras torcidas é a disposição para se envolver em conflitos violentos; 5) para eles, a organização em torno da violência é justificada pela agressão cometida por rivais; 6) a torcida organizada se funda numa dupla oposição: em relação às torcidas anteriores e em relação às torcidas de times rivais.

A paixão das organizadas não se reduz ao incentivo ao time, ela também se produz na forma de crítica, exercendo um papel que não é o do simples seguidor, mas o de um ativista que tem o clube como uma causa coletiva, mantendo um diálogo crítico com o centro de tomada de decisões. As torcidas organizadas travam uma relação conflituosa não apenas umas com as outras, mas também com as diretorias dos clubes. Porém, em alguns casos, os conflitos podem ser transformados em relações de entendimento mútuo:

A organizada comemora 35 anos de amor ao Coritiba no Curitiba Master Hall com a apresentação da banda Charlie Brown Jr., contando com a presença ilustre do Presidente do Coritiba Wilson Ribeiro de Andrade, sendo a primeira vez na história que o presidente do clube participa de uma festa da torcida³¹.

Sempre a torcida é chamada para se fazer presente em reuniões do Fortaleza, onde sempre fomos ouvidos e onde nossas ideias são bem aceitas, pois muitas já foram acolhidas e postas em prática pela diretoria do clube.³²

No primeiro exemplo, a boa relação rendeu ao presidente do clube um convite para participar de uma atividade da organizada. No segundo, a pressão rendeu frutos e garantiu à organizada um lugar nas reuniões do clube, fazendo com que sua voz pudesse ser ouvida. Em ambos os casos, o conflito parece ter sido institucionalizado, com uma via aberta para diálogo. Contudo, esse

31. Fonte: <http://www.imperioalviverde.com.br/historia.html>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

32. Fonte: <http://www.grestuf.blogspot.com.br/search/label/Entrevista>; acesso em 26 de fevereiro de 2015.

equilíbrio é instável, pois depende das pessoas que estão implicadas nas diretorias de clube e da torcida – as quais podem mudar rapidamente, dependendo das eleições realizadas periodicamente – e do desempenho do time, de forma que uma queda da performance dos jogadores pode inflamar os sentimentos negativos que atuam como combustível da insatisfação da torcida.

Enquanto nos estádios e nas relações com a diretoria e com a equipe as torcidas buscam melhorar a performance do time em campo, seja através de incentivos seja através de críticas e intimidações, nas páginas virtuais elas encontram o espaço para justificar publicamente suas práticas e sua existência. Na maioria dos casos, isso acontece através da narrativa de suas histórias ou da proclamação de seus valores – ou, como eles costumam chamar, de sua “ideologia” – em seções dos sites em sua maioria chamadas “História”, “A Torcida” ou “Ideologia”. Nelas, as torcidas propõem suas próprias versões sobre si mesmas, disputando as representações coletivas sobre elas. As possibilidades de legitimação de suas práticas e trajetórias dependem dos significados que as torcidas lhes atribuem.

Nos textos dessas seções, a independência em relação ao clube e o amor por ele aparecem como valores centrais que existem simultaneamente – “uma torcida diferente, independente e que amasse o VITÓRIA”³³. A função principal desses textos é legitimar a existência da torcida através da paixão clubística, que a diferenciaria das demais: “o que nos une é eterno: o amor pelo Galo, o glorioso Clube Atlético Mineiro, o mais querido das Minas Gerais, amado e respeitado em todo o Brasil. [...] Galoucura, a loucura pelo Galo”³⁴; “a Império Alverde é uma demonstração incondicional de amor ao Coritiba”³⁵.

Hoje a MAIOR FAMÍLIA DO BRASIL é uma manifestação de dedicação e respeito ao Vasco da Gama. [...] Podemos dizer mais uma vez que nosso lema, Vasco por amor e Força Jovem por ideal, é traduzido em atitudes. [...] Assim nossa ideologia segue padrões simples, mas que unidos fazem a força:

33. Fonte: <http://www.osimbativeis.com.br/historia>; acesso em 24 de fevereiro de 2015.

34. Fonte: <http://www.torcidagaloucura.com.br/historia-galoucura/>; acesso em 05 de março de 2015.

35. Fonte: http://www.imperioalverde.com.br/quem_somos.html; acesso em 01 de dezembro de 2015.

* amor incondicional ao Vasco; * apoiaremos o Vasco sempre, onde estiver, mas sempre cobraremos da diretoria o melhor para o clube³⁶.

Esses discursos estabelecem as torcidas organizadas como um lugar preferencial da paixão clubística. Propor que é a paixão que une e orienta esses grupos cria um efeito de contraste com aqueles que não estão envolvidos neles. Mais do que os outros torcedores, os organizados seriam os principais e legítimos portadores da paixão pelo clube: se o que caracteriza as torcidas organizadas são as demonstrações incondicionais de amor pelo clube, então o sentimento dos torcedores que não pertencem a elas é condicional, e, portanto, menos verdadeiro e legítimo. Isto implica em uma hierarquização do torcer correspondente à hierarquização das práticas e dos sentimentos torcedores.

Em “desde a nossa fundação segue o lema: ‘Seja mais corinthiano, seja um gavião’”³⁷, constrói-se uma equação que une diretamente um “extra” de “corinthianismo” à filiação à Gaviões. Aquele que sente uma paixão maior pelo clube é “mais corinthiano” e pode demonstrá-lo ao se tornar membro da torcida; todo membro da torcida, será mais corinthiano, mais torcedor que os demais. Essa equação é a versão mais direta da sensação de vanguarda sentida pela torcida e que seria o principal motivo de sua existência. O acréscimo de paixão e de torcer oferece significado e legitimidade às torcidas organizadas.

Esse papel de vanguarda pode ser disputado, seja por outras associações ou formas de associações torcedoras, seja pelo discurso que afirma que as torcidas organizadas na verdade seriam compostas por torcedores piores ou mesmo não-torcedores:

A característica maior da Torcida Mancha [Alvi]Verde, embora por alguns contestada, é de ser o legítimo “porta-voz” dos torcedores palmeirenses nas arquibancadas, situação reconhecida e até por muitas vezes solicitada pela grande maioria destes torcedores³⁸.

36. Fonte: <http://www.forcajovem.com.br/site/>; acesso em 01 de dezembro de 2015.

37. Fonte: <http://www.gavioes.com.br/index.php/torcida/ideologia/>; acesso em 30 de novembro de 2015.

38. Fonte: <http://manchaalviverde.com.br/historia-mancha-verde/>; acesso em 17 de julho de 2017.

Nesse trecho, a Mancha Alviverde se propõe como a legítima representante de toda a torcida do Palmeiras. Sua legitimidade viria do reconhecimento dos palmeirenses como um todo, que lhe pediriam para tomar a frente em determinadas circunstâncias. Como “porta-voz”, a Mancha Alviverde seria a única voz autorizada para ocupar o posto de enunciação nas arquibancadas e exigir que todas as outras vozes da torcida palmeirense se conformem à sua. Apesar de admitir a existência de uma disputa em relação à legitimidade de sua posição, para a Mancha Alviverde, a polifonia que caracteriza o estádio do time deve ser restrita. A hierarquização dos afetos e dos torcedores é acompanhada por uma normatização das vozes. A centralização das vozes autorizadas na torcida organizada depende de que se desautorizem todas as demais. Para a torcida organizada poder falar em nome de todos os torcedores, é necessário que eles não falem por si próprios.

Isso cria uma relação especial entre a torcida organizada e o clube. Os protestos seriam não apenas uma prática normal das torcidas organizadas, mas uma condição para que elas se mantenham como representantes principais dos demais torcedores. A torcida organizada existiria entre o torcedor não-organizado e o clube, o que lhe conferiria legitimidade para exercer um papel crítico em relação a membros do clube.

Considerações Finais

A paixão do torcedor de futebol é altamente orientada pela experiência do conflito e isso tende a ser potencializado dentro de torcidas organizadas, pois elas vivenciam múltiplos conflitos: com organizadas de clubes rivais, organizadas passadas – das quais podem ter se originado – ou presentes do mesmo clube – que podem surgir de conflitos internos à torcida –, o poder público, instituições ligadas à organização do futebol, a imprensa, torcedores não-organizados, jogadores, treinadores e dirigentes do próprio clube ou de rivais. A própria relação com o objeto da paixão – o clube – é conflitiva. Embora a noção de amor pelo clube seja incondicional, ele é dependente de demonstrações contínuas, que podem ser críticas e envolver vaias, ofensas, ameaças e atos de violência contra a equipe, o treinador e/ou os dirigentes do clube, pichações ou destruição de parte do patrimônio do clube. Dessa forma, o conflito

pode ser facilmente transformado em violência³⁹, a qual, entre outras coisas, torna-se parte da forma que assumem alguns relacionamentos de torcedores, e pode ser interpretada, pelos próprios praticantes, como demonstração do afeto e do comprometimento.

A paixão pela torcida – como a identidade que dela decorre – não é totalmente idêntica à paixão pelo clube. São dois sentimentos distintos que podem se sobrepor e se reforçar mutuamente em diversos momentos, mas não obrigatoriamente. Acima de tudo, a relação afetiva principal de uma torcida organizada é com ela própria, ainda que seja o amor pelo clube que leve alguém a se tornar membro.

Entre os membros das torcidas organizadas, existe uma hierarquização da paixão torcedora, que também se revela em uma hierarquização das práticas torcedoras. Os integrantes mais ativos das torcidas organizadas ocupariam as posições mais elevadas dessa hierarquia. Eles podem ser dirigentes da torcida – isto é, aqueles que são encarregados pela alocação de recursos e realização das tarefas dentro e fora dos estádios –, responsáveis pela bateria e/ou membros particularmente capazes de envolvimento bem-sucedido em combates violentos contra torcedores rivais. Logo abaixo deles, estariam aqueles que são presentes e ativos, mas cuja participação depende daquilo que é decidido pelo “núcleo duro” da torcida. Eles seriam seguidos pelos demais membros, menos presentes, e, por fim, estariam os torcedores não-organizados, com seus graus variáveis de dedicação a acompanhar o time, que indicariam suas posições variáveis nessa hierarquia – em geral, tanto mais baixa quanto menos partidas se vê no estádio, embora eles próprios possam não se ver da mesma maneira.

A expressão dos afetos das torcidas organizadas, analisada aqui sobretudo através das narrativas que elas mantêm sobre si mesmas em sua relação com as práticas nos estádios, é produto de processos sociais. Através da socialização

39. Michel Wieviorka (2006) coloca o conflito e a violência como duas formas distintas de relacionamento entre grupos e/ou indivíduos que se opõem. No conflito, existe um diálogo entre as duas partes para a resolução das questões levantadas. A violência poderia acontecer em dois momentos: 1) quando o conflito ainda é incipiente, incapaz de se institucionalizar, com os significados ainda em construção; e 2) quando o conflito perdeu as condições para se manter.

em uma organizada, o torcedor adquire determinadas formas de expressar seu amor pelo time e sua felicidade e entusiasmo com os bons resultados bem como seu repúdio aos maus desempenhos – e os sentimentos de tristeza, angústia, desespero e desilusão que podem acompanhar – e seu desprezo ou ódio pelos rivais. Por um lado, a violência não deve ser tomada como uma consequência natural da expressão de emoções negativas, mas como fruto de um processo social de aprendizado sobre as formas possíveis de materialização dessas emoções: um torcedor aprende contra quem pode ser violento, em quais espaços, momentos e contextos sociais. A rivalidade entre as torcidas, que pode gerar ocasiões de violência ou de outras formas de expressão agressiva dos sentimentos, é produzida e reproduzida como uma forma de comunicação entre as torcidas. Por outro lado, a festa nas arquibancadas tampouco deve ser tratada como consequência natural e necessária da paixão torcedora, mas como um ritual social de manifestação dos afetos e produção e reprodução dos laços e sentimentos comunitários de torcedores. Tanto as narrativas disponibilizadas nos sites quanto as performances discursivas e corporais, violentas ou não, que as torcidas mobilizam para expressar seus sentimentos são atos comunicativos através dos quais se produzem e reproduzem relações, identidades, significados e emoções. Os sentimentos não são somente imateriais e intangíveis, como quer a metafísica, nem somente reações psíquicas e bioquímicas causadas por agentes externos, como querem as ciências da vida; eles existem dentro dos atos comunicativos que caracterizam as relações humanas.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Lisboa: Bertrand, 2001.

BRASIL. **Lei n.10.671**, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Estatuto de Defesa do Torcedor, Brasília, DF, maio 2003b.

_____. **Lei n.12.299**, de 27 de jul. de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas;

altera a Lei no 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Brasília, DF, jul. 2010.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira *et al.* As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.30, n.1, p.9-24, set. 2008.

HERRING, Susan C. Computer-mediated discourse analysis: an approach to researching online behavior. In: BARAB, Sasha; KLING, Rob; GRAY, James H. (orgs.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning**. Nova York: Cambridge University Press, 2004.

HEWSON, Claire M.; LAURENT, Dianna; VOGEL, Carl M. Proper methodologies for psychological and sociological studies conducted via the internet. **Behavior Research Methods, Instruments & Computers**, vol.38, n.2, p.186-191, 1996.

HINE, Christine. Internet Research and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. **The Information Society: An International Journal**, vol.21, n.4, pp.239-248, 2005.

HOCHSCHILD, Arlie. **The Managed Heart**. Commercialization of Human Feeling. Berkeley, CA: University of California Press, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O Clube como Vontade e Representação**: o Jornalismo Esportivo e a Formação das Torcidas Organizadas no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008. (Tese de Doutorado).

_____. *(et al.)*. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

_____.; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **A Voz da Arquibancada**: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre Violência Envolvendo Torcedores de Futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. São Paulo: USP, 2012. (Tese de Doutorado).

LUHMANN, Niklas. **Love as Passion**: The Codification of Intimacy. Stanford, CA: Stanford University Press, 1998.

NICÁCIO, Luiz Gustavo et. al. **Campeonato Brasileiro de 2007**: A Relação do Torcedor de Futebol com o Estatuto de Defesa do torcedor na cidade de Belo Horizonte (MG). CBCE, v.30, n. 2, p. 25-38, 2009.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Futebol e violência entre “Torcidas Organizadas”**: A busca da identidade através da violência. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado).

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados/ FAPESP, 2006.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos Espetáculos de Massa às Torcidas Organizadas** – paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

TEIXEIRA, Leonardo Antonio de Carvalho. **Congregar, Congraçar e Unir**: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981–1989). Rio de Janeiro: UERJ, 2014. (Dissertação de Mestrado).

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TURNER, Jonathan; STETS, Jan. **The Sociology of Emotions**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

_____. **The Problem of Emotions in Societies**. London: Routledge, 2012.

WHITEHOUSE, Harvey. **Arguments and Icons** – Divergent Modes of Religiosity. Oxford: Oxford University Press, 2000.

WIEVIORKA, Michel. **Em Que Mundo Viveremos?** São Paulo: Perspectiva, 2006.

Recebido: 30/04/2019

Aceito: 04/11/2019